

ENTRE FESTAS E DEVOÇÕES POPULARES: ENTREVISTA COM SÉRGIO IVAN GIL BRAGA

Between festivals and popular devotions: interview with Sérgio Ivan Gil Braga

Adan Renê Pereira da Silva*

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

DOI: 10.29327/256659.15.3-13



Fonte: currículo Lattes

* Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela mesma instituição. Professor Adjunto do Departamento de Teorias e Fundamentos da Faculdade de Educação (UFAM). E-mail: adansilva.1@hotmail.com

O trabalho do Professor Dr. Sérgio Ivan Gil Braga é caracterizado por visibilizar e aprofundar, no campo antropológico, da sociedade e da cultura amazônicas, a importância de nossas festas populares enquanto campo de conhecimento imprescindível para refletir acerca de como as pessoas se veem com foco naquilo que produzem em meio a festivais, festas religiosas, devocionais e populares. Professor Titular em Antropologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), docente do Departamento de Antropologia/IFCHS (Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais), além de orientador nos cursos de Mestrado e Doutorado em Antropologia e Sociedade e Cultura na Amazônia, a pluralidade é uma das marcas do profissional e pesquisador: bois-bumbás, religiões africanas na Amazônia, cirandas, mariologia, catolicismo popular, entre outras produções, tornam robusta a vida acadêmica e profissional deste docente que, além de importante para refletirmos acerca da Amazônia, carrega a docilidade dos grandes mestres, como eu, particularmente, pude constatar durante a entrevista.

Autor de diversas obras, artigos e orientações, é atualmente responsável pelo NAURBE – Cidades, Culturas Populares e Patrimônios, grupo de pesquisa que completou 21 anos em 2023. Sérgio Ivan Gil Braga destacou-se também por ser o pioneiro nos estudos sobre o boi-bumbá na Amazônia, com uma tese que se tornou referência para estudar o tema, inclusive, por reconhecer o protagonismo de afrodescendentes no folguedo: desde o que presenciavam viajantes naturalistas do porte de Avé-Lallemant ao príncipe mameto da Congada que morre e ressuscita - tal qual os bumbás Caprichoso e Garantido – a obra é um denso passeio, ao gosto dos mais exigentes investigadores, em que o esmero com o tema é adjetivação contundente da pesquisa, que chega a 2024 sem perder a atualidade – quiçá, sem deixar de ser um clássico sobre o assunto.

É tempo de visibilizar, ainda mais, o gaúcho “amazonizado” por sua paixão pela terra, pelo “dois pra lá e dois pra cá”¹ e pelas inestimáveis produções antropológicas e sociais dadas aos estudos amazônicos, no assim chamado campo da “cultura popular”, com ênfase nas ligações entre as festas, devoções e religiosidades que extrapolam, muitas das vezes, o campo do “formal” que as diferentes religiões propugnam.

¹ Modo como se costuma descrever a dança típica do boi-bumbá parintinense.

A entrevista carrega um caráter propedêutico, ou seja, visa atingir a um público mais amplo, que pode estar desde iniciando uma graduação na área, ser um curioso do tema ou que estejam mesmo no campo das pós-graduações *strictu sensu*, buscando autores de referência na área. E, aqui, podemos afirmar com sobriedade: estamos diante de um potente intelectual nos temas aqui debatidos, brindando-nos recentemente com a defesa de um memorial, disponível em *e-book*², no qual esmiuça a rica trajetória de um profícuo estudioso da Amazônia e do Brasil. Conheçamos mais sobre este eminente pesquisador da Universidade Federal do Amazonas.

Adan Renê: Professor Sérgio Ivan, como foi o seu processo de se “descobrir antropólogo”? Sabe-se que o senhor é oriundo do Sul do país, assim sendo, conte um pouco de sua experiência profissional, especialmente como se deu esse mudança para o norte brasileiro e a ligação entre vida pessoal e profissional.

Sérgio Ivan: O interesse pela Antropologia surgiu durante a primeira graduação, de História, com duas docentes da área. No fim da graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) surgiu a oportunidade de migrar para a Antropologia, o que me levou ao Mestrado e ao Doutorado. Em 1983, iniciei o mestrado, a terceira turma da UFRGS. Foi uma escolha muito importante e em 1988, prestei concurso para a UFRGS, tendo sido aprovado, mas não em primeiro lugar. Com o Regime Jurídico da União, fui convocado para trabalhar na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), desempenhando a função de professor desde 1991, o que proporcionou conhecer o Amazonas por meio do ensino, da pesquisa e da extensão.

Adan Renê: Na sua opinião, quais são os principais desafios para o antropólogo na atualidade? Como estão o mercado de trabalho e as oportunidades profissionais?

Sérgio Ivan: Depende muito de pra onde você for se voltar para a Antropologia. Na Antropologia Indígena, você tem um campo de trabalho muito diverso (investigação e pesquisa), especialmente aqui no norte, no Amazonas, com uma grande quantidade de povos originários, uma diversidade cultural muito grande. A Antropologia Urbana também é um bom campo, há muita coisa para ser feita ainda, porque as cidades crescem de forma

² Disponível em: <https://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/5609>. Acesso em 29 mar. 2024.

desordenada, mas também com uma grande diversidade cultural, hoje também temos uma discussão importante sobre gênero, sobre a Antropologia de Gênero. Ou seja, campo nunca deixará de existir. Agora quanto ao mercado de trabalho, de profissão, como qualquer área, não tem sobrado emprego, o setor público absorve alguns profissionais e as universidades também, algumas particulares, no campo da docência.

A docência é uma possibilidade ideal e pode facilitar a inserção no campo da pesquisa. Já a extensão amplia a atuação do antropólogo. O concurso público é importante, sendo importante ter também um mestrado e um doutorado. Outros órgãos, como a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Ministério da Cultura (MinC) acabam absorvendo esse campo de atuação. A demanda vem se configurando ao longo dos anos. É uma profissão não regulamentada, você se filia à Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - que tem um código de ética -, sendo nossa associação maior, precisando ser apresentado como membro, como sócio efetivo, com carta de recomendação e se afilia. Falta uma regulamentação profissional e essa discussão não avançou. Muitos profissionais faziam Antropologia antes da década de 60, mas não eram formados em Antropologia. O que se consolida são os primeiros programas de pós-graduação a partir da década de 60, após essa década de 60, há profissionais não necessariamente antropólogos, como os sociólogos, mas que também são filiados à ABA.

Adan Renê: O que faz um antropólogo em sua atuação e quais seriam as principais áreas de atuação?

Sérgio Ivan: Já respondi a essa pergunta em outra. Mas quero complementar que a Antropologia tem contribuído com outras áreas de conhecimento, como as áreas de ciências humanas aplicadas, com a diversidade das culturas humanas, o que a leva a outras áreas de conhecimento, como a área de Saúde – você tem o escritório regional da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) aqui no Amazonas, com outras áreas de conhecimento, não ficando restrita apenas às áreas de ciências humanas. É interessante você se ligar a outras áreas, como áreas voltadas para conhecimentos tradicionais associados à natureza, reconhecidas como áreas de patrimônio imaterial, ligando-se à tecnologia, horticultura, ou seja, outras áreas de conhecimento.

Adan Renê: Sobre habilidades e competências, existem aquelas mais técnicas, que colocamos no currículo, as quais tem a ver com conhecimentos específicos e aquelas que não colocamos nos currículos, relacionadas a aptidões mentais, emocionais, de relacionamento na profissão. Na sua visão, qual a importância dessas habilidades, em que grau devemos investir em cada uma delas? Qual a importância de ambas?

Sérgio Ivan: Não me preocupo muito com essa autorrepresentação em currículos, entende? Acho cansativo preencher currículo *Lattes*, somos obrigados a preencher porque são resgatados e impactam a avaliação dos programas de pós-graduação. Não sei bem que habilidades ressaltar, isso não me preocupa tanto, porque depende muito do que você faz, entende? Se seu ponto forte de Antropologia é na pesquisa de campo, há uma preocupação, sendo preciso problematizar, digamos assim, a relação “com o outro” no contexto do campo, porque são relações diferentes dependendo do campo onde você vai desenvolver seu trabalho. Isso tem se discutido muito. Precisa-se debater autoria, a relação com o outro, a ética na pesquisa, o estilo de escrita da pesquisa. Você pode trabalhar também com a documentação. Ando revisitando alguns autores da década de 40, 50, com questões voltadas para criticar essas fontes, o que leva à necessidade de ter a habilidade de criticar esses períodos históricos, ter expertise para isso, entendendo esses contextos de época, de ter conhecimentos sobre eles.

Muita coisa vem do trabalho, com aquilo que você está lidando, do que você está fazendo, do tratamento dos dados e informações com as quais você está lidando. Currículo é decorrência do que você faz, de como você faz, do que você publica, do que você passa a aprender, como a tecnologia, que se tornou um desafio, é preciso ter essa habilidade, tivemos a experiência recente de ter que aprender tudo do zero, como você produz um encontro parte virtual, parte presencial, os cuidados que precisa ter com a informação, porque você vai colocar isso publicamente e é um desafio muito contemporâneo, porque você vai utilizar mais isso e precisa se preparar mais para isso, porque te possibilita chegar mais as pessoas. As publicações dependem menos de papel, você tem a oportunidade de publicar tudo *on-line*, alcançar mais pessoas, ter um público muito maior, então essas coisas me preocupam mais do que as questões formais.

Adan Renê: Entre as suas obras publicadas temos “Culturas populares em meio urbano”, “Cultura Popular, Patrimônio Imaterial e Cidades” e “Cursos d’Água Doce –

memórias de gentes e lugares”. Por que as culturas populares como objeto de estudo e do que se trata este último livro, que eu particularmente desconhecia?

Sérgio Ivan: Este último livro trata-se de um catálogo, um período em que fui trabalhar no Museu Amazônico da UFAM. O Museu não tinha um catálogo, por incrível que pareça, a gente começou a trabalhar. Tínhamos um recurso da Petrobrás, convidei a professora Maria Lúcia Montes (minha orientadora na Universidade de São Paulo, USP), com um preparo muito grande para nos auxiliar a fazer isso [este catálogo]. Ela conversou com várias pessoas do Museu. Depois nos reunimos e montamos um catálogo, inclusive visual, produzido aqui mesmo, pela Editora Moderna. Deu muito trabalho pelo tratamento das imagens. Fizemos o que podia ser feito de melhor no momento. Foi um registro muito importante com uma tiragem de dois mil exemplares e aí o museu teve seu próprio catálogo, com um pouco de cada coisa, a parte documental, obras raras, o acervo etnográfico, com mais de três mil peças de culturas indígenas, sobretudo da Amazônia. Foram colocadas peças da cultura popular, tem de tudo um pouquinho ali para passar para as pessoas uma ideia do que tínhamos de melhor. A professora Maria Lúcia tinha uma experiência única em organização de exposições, de catálogos nas pinacotecas do estado de São Paulo, foi um trabalho bem legal que tive oportunidade de organizar.

Sobre as culturas populares, foi um tema que sempre me interessou desde o mestrado, que foi sobre os festivais de canções nativas no Rio Grande do Sul. Tratava-se de jovens que queriam atingir/viver uma forma de ser gaúcho em um contexto urbano, um gaúcho urbano. Fiz onze atividades de campo, fiz campo em onze festivais, foi um trabalhão de deslocamento. O interesse veio muito forte com o folclore, com a cultura popular. Desde 1983, quando entrei no mestrado, já se vão 40 anos, já veio esse interesse das culturas populares. Estive em São Paulo, no doutorado, que é um estado muito rico em expressões de cultura popular, pude acompanhar, conheci ao vivo maçambiques, congadas, caboclinhos, os kayapós. Na região do oeste de São Paulo, na cidade de Olímpia, tinha um festival folclórico que reunia grupos de várias partes do Brasil. Só foi crescendo esse interesse pela cultura popular, esse mergulho na literatura folclorística.

Então esse sempre foi um tema muito caro pra mim, essas coisas sempre foram difíceis de entender. Só começou a cair a ficha mesmo pra mim em 2009, 2010, com financiamentos, algum contato com a literatura que me fez entender melhor esse

fenômeno das expressões populares. Escrevi sobre isso, essa coisa do Geog Simmel, de outras formas de conhecimentos como mundos paralelos, dos segredos, do popular na sociedade e na cultura, algo que pretendo escrever oportunamente mais sobre isso.

Adan Renê: O senhor coordena o NAURBE desde 2003, que é um grupo de culturas populares, religiosidades, patrimônio material e imaterial. Ou seja, mais de 20 anos de pesquisa. Qual a importância do NAURBE e o que esse grupo de pesquisa tem a nos dizer sobre esse tema?

Sérgio Ivan: É um grupo importante, uma das últimas parcerias bastante significativa para nós, tem sido praticada com o NAUI, um núcleo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), trabalhando há muitos anos com temas comuns, é uma parceria que tem crescido, isso é muito bom, fazemos parte de uma rede de pesquisa mais ampla chamada “Brasil Plural” (INCT/CNPq Brasil Plural) e nós temos mantido essa rede há mais de 10 anos. Esse intercâmbio com pesquisadores desse outro núcleo é muito importante, muito positivo. Sobre nosso núcleo, é muito gratificante você ter pesquisadores egressos, mestres, doutores, atuando em órgãos de ensino superior, do IPHAN, com temas que sempre foram muito presentes no grupo de pesquisa. O grupo tem promovido pesquisas com temas que foram preocupações desde o início, com pesquisadores que ainda estão filiados ao núcleo, ainda que tenhamos dificuldades estruturais e físicas. O próprio Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) apresenta muitas problemas de estrutura física e de pessoal, para a organização de encontros de pessoas e pesquisadores. Ficamos na expectativa de dias melhores. Mas, paciência!

Adan Renê: Outras experiências profissionais importantes na sua carreira foram o de diretor do Museu Amazônico e Superintendente do IPHAN (AM). Qual a importância dessas duas experiências?

Sérgio Ivan: Cargos, pessoas que de alguma maneira trabalham juntos, foram duas experiências muito boas. Como todo cargo, não é eterno, cargos não devem ser eternos, devem ser passagens e foram passagens interessantes. Você tem a possibilidade de executar algumas coisas, mas não todas, não tem como executar tudo, você faz o que é possível fazer. No IPHAN eu peguei um momento muito interessante, o tombamento do

centro histórico da cidade de Manaus e o início do processo de patrimonialização dos Bois-Bumbás do Baixo e Médio Amazonas. Foi muito legal. Você se vê, assim, dentro das políticas públicas, não apenas um espaço de discussão, mas de execução de coisas. A gente vê que é possível isso.

Hoje, eu prefiro muito mais estar no terreno da pesquisa, porque gerar conhecimento também é muito importante. Sobre tudo algo que tenha a ver com expressões populares. A gente tem também se interessado por antropologia urbana, processos de patrimonialização de centros históricos, essa discussão é muito interessante, o que aprendi em experiências muito importantes por meio de três projetos financiados internacionalmente pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com colegas da Universidade de Coimbra, eu, Rogério Proença e outros colegas brasileiros estivemos conversando com personalidades acadêmicas da Universidade de Coimbra da área e aprendi muito sobre processos de patrimonialização, fiz pesquisas de campo, tive oportunidade de conhecer o Santo Antônio de Lisboa, enfim, esse outro lado do catolicismo popular que tenho me interessado em pesquisar.

Adan Renê: Um dos seus focos de pesquisa são as religiosidades na Amazônia, que aparecem bastante nas suas produções enquanto pesquisador, como nas suas orientações nos Programas de Pós-Graduação. Publicações como “Festas religiosas e populares na Amazônia”, “Santo Antônio de Lisboa e de Borba”, “Danças e Andanças de Negros na Amazônia: por onde anda o filho de Catirina?” são alguns exemplos. Como o senhor interpreta o tema das religiosidades populares na região?

Sérgio Ivan: Eu procuro pegar mais pela devoção, pela dimensão festiva, o catolicismo popular tem essa questão festiva. Eu procuro trabalhar na perspectiva da religiosidade popular. Há algumas outras questões que nós vamos precisar, de alguma maneira, enfrentar, quer dizer, certas especificidades das religiões daqui. Tenho tido a sorte, sobretudo na pós-graduação, de ter alunos que se interessam por esses temas e aí dedicam toda uma pesquisa que eu acabo aprendendo bastante também. Trabalho como os do Rodrigo Fadul Andrade, que se interessa por toda a influência da mariologia, tema muito caro no catolicismo popular da região, trabalhos voltados para as tradições afro, a Glacy Ane Araujo de Souza dos Santos tem desenvolvido, inicialmente estudo sobre comidas de santo, depois as indumentárias, são recortes que aos poucos a gente vai

fazendo; a própria capoeira, no trabalho de Tharcisio Santiago Cruz, que tem o aspecto mais lúdico, mas também ligada a uma tradição afro que se ressignifica aqui na região, né?

A religiosidade costura nessas expressões, dimensões de crenças e ritos, bem como aspectos festivos nas celebrações. A gente procura entender de alguma maneira esses processos, processos mais contemporâneos inclusive, como os do Gabriel Ferreira Fragata, aqui no bairro Petrópolis, perto do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), muito interessante esse trabalho, porque é um culto voltado para a devoção à Santíssima Trindade, mas em um certo momento se torna uma festa do Divino, porque você tem todos os elementos de uma tradição açoriana, uma tradição lá na ilha dos Açores que chega no Brasil, na Amazônia, modificando-se no decorrer do tempo, a tal ponto que você não consegue perceber, no primeiro olhar, que é uma festa do Divino, mas que te leva a pensar as permanências nas culturas populares ao longo do tempo, dos anos, dos séculos, é um desafio. E aí vem a importância da História, porque ela te dá um quadro de referência para poder pensar do ponto de vista antropológico essas manifestações, ou seja, é um trabalho bem meticuloso, um pouco isso.

Adan Renê: O boi-bumbá ocupou um bom espaço na sua vida acadêmica e não há como não mencionar o clássico “Os bois-bumbás de Parintins”. Qual a importância dos bois de Parintins para a Amazônia e para o Brasil? Afinal, por que o boi é bom para se pensar?

Sérgio Ivan: Os bois estão aí, assim como outras expressões mais. O próprio Mário de Andrade já falava, lá em “Danças Dramáticas do Brasil”, né, o boi tendo origem lá nos reisados, na época ou ciclo de Reis, no Nordeste, você tinha aí toda uma bicharada que se apresentava, né, e que ia até a época que antecedia e entrava no Carnaval, os cordões dos bichos. Você encontra alguma dessas expressões inclusive até hoje em São Paulo, por exemplo, em Carapicuíba, o Carnaval tem os cordões de bichos. Eu vi na minha juventude em Santa Catarina o boi de mamão dançando em pleno Carnaval, então, várias representações de bichos, como a Bernussa, a cabrinha, entre outros mais. Mas assim, o que Mário de Andrade chama atenção, é que as pessoas gostavam mesmo era da apresentação de um bicho, esse bicho era o boi, então ficava mais no final. Todo mundo batia palma, gostava, essa coisa da morte e ressurreição. Então eu acho que é como diz o

Mário de Andrade: “O boi é o nosso bicho nacional”. Às vezes algumas pessoas levam para uma leitura muito voltada para o ciclo do gado, não sei o que, acho que isso é uma coisa que tem a ver, mas no fundo o que interessa aqui é o aspecto lúdico, a promessa a São João, o tema da morte e da ressurreição, então acho que esses temas vão costurando um imaginário muito significativo para a população brasileira. [...] Os registros que temos é a partir da primeira metade do século XIX, muito associado a nossa busca, nossa procura pela identidade nacional, a coisa das três raças, o próprio boi, isso é muito a cara do Brasil. Por isso o boi é importante, você encontra o boi em várias regiões brasileiras, com versões diferentes, mas com uma estrutura narrativa mais ou menos comum. Eu me deparei com isso em Santa Catarina, daí quando eu cheguei no Amazonas, em Manaus, vi o boi nos ensaios na Escola de Samba da Aparecida, na TVLândia, daí eu me perguntei: “mas gente, o que que é isso? Preciso estudar”. Fui em Parintins, aquela força, aquela coisa que você se impressiona com o que você vê, aquela diversidade, aquela pujança, tornei objeto de estudo, passei a me interessar, acompanhar, refletir, virou tese, já surgiram outros trabalhos que ampliam a reflexão. Então essa coisa de “o boi bom para pensar” é o pensar antropológicamente, é importante para entender a partir das representações desse folguedo, desse auto popular, o que ele de fato representa para as pessoas, e o que sempre me chamou atenção é a vitalidade dessas práticas culturais, que estão sempre procurando novos caminhos, novas formas de representação, como um ser vivo.

Adan Renê: Professor-Antropólogo e antropólogo-professor. O que faz um antropólogo na Universidade?

Sérgio Ivan: Isso é um jogo de palavras [risos]. Faz antropologia, ensina, pesquisa, produz atividades de extensão, em que os alunos ficam provocando a gente, como foi o encontro do NAURBE: “precisamos fazer esse encontro”, daí acaba que a gente entra na *vibe*, na onda e tendo que aprender um monte de coisas e se atualizando. Acho que a Universidade é isso, é um espaço que não pode ser um espaço morto, tem que ser um espaço vivo, estar o tempo todo se reinventando, mas assim, sobretudo produzindo conhecimento, a Universidade precisa estar sempre produzindo o novo.

Adan Renê: Professor, ao chegarmos ao fim da entrevista, gostaria de ouvir suas considerações finais: conselhos, o que não foi dito, dicas, sugestões sobre a Antropologia e

para quem pretende se tornar um antropólogo e que, aliás, também se “apaixone” por culturas populares. Muito obrigado pela disponibilidade, professor Sérgio Ivan!

Sérgio Ivan: Acho que é isso. Quem tem interesse continue se interessando, tem muito a ver com a gente, com o nosso país, acho que isso, de fato, importa muito, bastante, nossa Antropologia é uma boa Antropologia. Não precisa estar importando. Claro que é preciso ler os clássicos, ler o que vem de fora, mas precisamos produzir a partir de nossa própria realidade, de nossa própria observação, de nosso próprio instrumental, que por sinal é bem respeitado lá fora, isso é uma coisa que a gente precisa reconhecer, tá aí a ABA (Associação Brasileira de Antropologia). Mandamos duas propostas para a ABA que será realizada ano que vem em Belo Horizonte. Creio que isto seja o mais importante a ser dito.

Muito obrigado!

OBRAS PUBLICADAS PELO PROFESSOR DOUTOR SÉRGIO IVAN GIL BRAGA

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os Bois-Bumbás de Parintins**. Rio de Janeiro/Manaus: Funarte/EDUA, 2002.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Festas religiosas e populares na Amazônia. **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**, Coimbra, 2004. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/sergiolvanBraga.pdf>. Acesso em 29 mar. 2024.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org.). **Cultura Popular, Patrimônio Imaterial e Cidades**. Manaus: EDUA, 2007.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Danças e Andanças de Negros na Amazônia. In: SAMPAIO, Patrícia Melo (Org.). **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Belém: Editora Açaí, 2011. p. 157-172

BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org.). **Culturas Populares em Meio Urbano**. Manaus: EDUA, 2012.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Santo Antonio de Borba (Estado do Amazonas, Brasil): devoção e festa. In: **Acqua, pane, devozione - Sant'Antonio tra l'antico e Il contemporâneo**. A cura do

Franco Benucci e Donatella Schmidt. Padova (Itália): Università Degli Studi di Padova, págs. 95-120, 2017.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Trajetórias de vida e antropologia** [recurso eletrônico] / Sérgio Ivan Gil Braga. – Manaus: EDUA, 2018. 167 p. – (Série Memorial).

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Cidades e Utopias Urbanas. In: **Territórios, cidades e migrações** [recurso eletrônico]: diálogos interdisciplinares/ Sidney Antônio da Silva, Gláucia de Oliveira Assis e Daniel Granada (org.). – Manaus: EDUA, 2021.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Algumas contribuições para políticas públicas de patrimônio imaterial, referentes ao campo das culturas populares no Estado do Amazonas (Brasil). In: **ACE-NO: Revista de Antropologia do Centro Oeste** / Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. V. 10, n. 23, maio/ago. 2023 – Cuiabá: ICHS/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2023.

Para maiores detalhes dos trabalhos orientados pelo docente e citados no decorrer desta entrevista, sugerimos consulta ao Repositório Institucional da Universidade:

Disponível em:

<https://tede.ufam.edu.br/browse?type=advisor&value=Braga%2C+S%C3%A9rgio+Ivan+Gil>.

Acesso em: 02 abr. 2024.

Recebida em 01/04/2024.

Aprovada para publicação em 30/05/2024.